


Quem produz patrimônio? O que é patrimônio? A quem pertence o patrimônio? Para quê e por que falar de patrimônio?

Cristina Helou Gomide*
cristinahelou@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8333-0667>

RESUMO: O presente texto traz a proposta elaborada para a gestão do GT História e Patrimônio Cultural da Anpuh-GO para o período de 2020-22. O objeto de estudo é o Patrimônio Cultural e o ofício da história na problematização da temática. Nosso objetivo é debater o Patrimônio como categoria, trazendo indagações sobre quem produz o patrimônio; o que é; a quem pertence; para quê e por que falar de patrimônio? No afã de buscar por respostas, nos inspiramos em alguns autores e nos colocamos em diálogo com a obra organizada por Maria Amália P. A. Andery (2006) e a abordagem sobre o conceito de Ciência na história Moderna; no debate sobre o valor atribuído aos objetos como produção humana, de Guilio Carlo Argan (1998); nas reflexões sobre Modernidade elaboradas por Walter Benjamin (1987); na discussão sobre temporalidade das narrativas no tempo, construído por Alessandro Portelli (1997), tendo como eixo fundamental, a categoria trabalho na perspectiva de Mário Alighiero Manacorda (2007). A problematização do Patrimônio como categoria e objeto da História à partir do Trabalho como atividade vital humana nos coloca o desafio de entender que o Patrimônio está em tudo, pois está em toda produção humana, independente do valor a ele atribuído no decorrer dos tempos, mas sobretudo está também na natureza, que em contato com a ação planejada humana, a transforma e nos transforma, tornando-se também a natureza elemento patrimonial importante para a sobrevivência dos seres humanos. O Patrimônio é, portanto, oriundo do pensamento, elemento eminentemente humano, e diz respeito ao modo como seguimos produzindo história ao longo dos tempos, agregando conhecimentos, transformando espaços, e como seres sociais que somos, produzindo cultura e estabelecendo relações de poder por meio do Trabalho, atividade que nos diferencia dos animais. Desse modo, pensar o Patrimônio é pensá-lo no plural, produzido por muitos. Por fim, falar de Patrimônio é um modo de nos olharmos e nos posicionarmos porque queremos o reconhecimento de determinada referência cultural e não de outra. Patrimônios são, enfim, produção da Humanidade e desse modo pertence a todos e todas.

PALAVRAS CHAVE: Patrimônio Cultural; História; Trabalho.

V Vocês já repararam na beleza de uma teia de aranha? Repare bem e verá que ela se parece com uma bela renda, tecida pelas mais sensíveis mãos de uma rendeira. No entanto, as

* Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás. Professora de Educação pela Universidade Federal de Goiás.

teias de aranha vêm sendo feitas tais como são ao longo da existência das aranhas. O mesmo podemos dizer da engenhosidade dos formigueiros ou dos ninhos de passarinho. São ações dos animais que nos deixam de fato encantados devido a sua engenhosidade. No entanto, eles são sempre esses, nenhuma nova arquitetura é agregada ou é modificada em função de qualquer necessidade de transformar a natureza à sua volta. Esse não é o caso dos seres humanos. Nós, ao contrário do modo como fazem os animais, transformamos a natureza de forma intencional, e quando fazemos isso, a humanizamos. Nesse processo de transformação, o fazemos indagando, buscando respostas, criando, sempre em função de nossas necessidades. Nesse sentido, pode-se dizer que ao transformar a natureza nos diferenciamos dos animais, realizamos uma atividade que evidencia nosso caráter humano, fazendo-o, portanto, por meio do trabalho, ação que nos faz produzir no decorrer das nossas vidas. Vê-se aí que esse processo de produção produz conhecimento, e esse conhecimento vai sendo agregado de geração a geração, dando aos humanos a possibilidade de transformar ainda mais de tempos em tempos, seja acrescentando ideias, seja refugando as já existentes. Mas o importante é que sempre estamos em movimento, vivendo experiências, criando.

Vejam o que ocorre atualmente! Estamos em uma corrida mundial por uma vacina contra o Covid 19, e provavelmente chegaremos a resultados positivos muito antes do que comumente vinha acontecendo no processo de criação de outras vacinas, cuja média para obter respostas positivas era de 5 anos. Provavelmente a vacina para Covid 19 chegará em um prazo bem menor, talvez chegando a vacinar grande parte da população Mundial até fins de 2021. Ainda que os esforços sejam coletivos e cientistas e laboratórios do mundo todo estejam se unindo para a obtenção de uma vacina, esse tempo recorde só será possível porque temos a trajetória da confecção de vacinas em experiências anteriores. Mas onde queremos chegar com esse debate sobre conhecimento, sobre ciência? É preciso reconhecer que nós fazemos história ao transformar a natureza, pois trabalhamos e produzimos ciência ao longo de nossas existências, em longos processos de mudanças e permanências, em que refutamos coisas e tornamos outros mais amplas. Nesse sentido, nos parece que o Trabalho enquanto atividade humana, é Patrimônio. Somos nós, que por meio do trabalho nos relacionamos socialmente, produzimos coletivamente no decorrer do tempo, transformando espaços, produzindo cultura e estabelecendo relações de poder. O Trabalho humano é patrimônio, e se por meio do processo do trabalho, produzimos coisas, prédios, cidades, pontes, pavimentamos estradas, construímos aviões, então pode-se dizer que tudo o que produzimos é Patrimônio humano, pois é trabalho e é da Humanidade. O problema é o valor atribuído a uns mais do que a outros, ou ainda, como

o Patrimônio valorado parece pertencer mais a uns do que a outros. Aqui não vamos nos alongar, falando de grandes mansões, construções que marcaram a história. Podemos mesmo ficar apenas nas estátuas e no valor a elas atribuído. Já pararam para pensar porquê existe uma Estátua a Pedro Ludovico Teixeira, mas nenhum operário que participou da construção da Capital do estado de Goiás possui uma estátua? O valor Patrimonial atribuído à estátua do Pedro Ludovico, assim como à estátua do Bandeirante Paulista ostentada na Avenida Anhanguera desde os primeiros anos de construção da cidade, é o valor sustentado por uma concepção de história, uma história com bases Positivistas, amplamente reforçada pela mídia e muitas vezes multiplicada nas salas de aula justamente pelo desvalor que tais debates têm sobre a importância do Patrimônio no campo da História Nacional e Regional. Ao invés de indagarmos o Monumento, tendemos a apenas achá-lo importante, afinal, não estaria ali se não o fosse. Porém, o trabalho ali representado pela Estátua, exalta apenas um, e o Patrimônio nunca é feito por um só, pois o trabalho é realizado sempre em relação, é preciso muita gente por exemplo, para que a energia elétrica chegue à sua casa. Na mesma linha, como poderia um homem com o título de “desbravador” ter escravizado tantos indígenas e ainda assim ser considerado herói, responsável por trazer o progresso a Goiás, já que estamos em pleno século XXI, e a academia e nós historiadores já produzimos tanto e tanto?

Valendo-nos de Giulio Carlo Argan (1998) e na perspectiva que temos trazido aqui, tudo o que está na cidade é objeto, a cidade é feita de múltiplos objetos, seja nos prédios, nas ruas, nos carros, e como todo objeto é produção humana, então todos poderiam ser considerados arte. O que faz de um objeto ser reconhecido como arte e outro não, é o valor a ele atribuído, e esse valor tem história. O movimento do véu da Monalisa, por exemplo, ganhou a visibilidade histórica que a compõe até hoje em função da representação de um tempo, de um momento histórico em que a arte representava os movimentos humanos e nossa capacidade de trazer a perspectiva para representar as ideias de um momento histórico que marcou a experiência humana. Mas se todo objeto é produção humana, pode-se dizer que tudo é criação e desse modo é arte. O que mata nossa produção no contexto em que vivemos é o desvalor ao único, e a valorização da produção em série, representante de um tempo cada vez mais pragmático, eficiente, meritocrático, onde pensar em processo é perda de tempo, pois o que interessa é o produto. Pois vamos lhes dizer! É o processo que nos constitui Patrimônio, no processo produzimos conhecimento e agregamos coisas às nossas vidas. Infelizmente, o mesmo pragmatismo que continua valorando a história produzida por uns e não por outros é o que insiste em Estátuas que valorizam escravagistas e esquece que escravos têm pátria. Nesse

sentido, História e Patrimônio se fundem, não se tornando um, mas mostrando que um não existe sem o outro. A história crítica, não a história revisionista ou negacionista, mas a história crítica deve compor nossas reflexões, trazendo o Patrimônio de forma a indagar a ordem vigente e os valores impostos no cerne de sua concepção. Não destruindo, mas indagando, transformando, ressignificando.

Alguns de vocês já devem ter realizado uma visita ao Museu Pedro Ludovico Teixeira. Como professora de Ciências Humanas, não me recordo de em nenhuma visita ter um direcionamento que não fosse de concepção positivista, talvez não porquê seja um projeto político específico do Museu, mas porquê parece ser a história “certa”, a mesma que enaltece aquele que desde a época da construção de Goiânia foi chamado de “um homem à frente de seu tempo”, um “Bandeirante do séc XX”. Já estamos no Séc XXI, certos de que inúmeros trabalhos já foram realizados no campo da história, refutando tal concepção, mas ainda assim prevalece a prática da história que reforça o trabalho individual, a ideia de herói, a mesma que evidentemente reforça o porquê de uma Estátua a ele e não a você, a mim ou a nós. Esse é um elemento significativo e que se constitui na retomada com alegria do exercício Institucional da História (via Anpuh) no âmbito regional aqui em Goiás, pois trata-se de compreender as Histórias Plurais e não de atribuir créditos, como se a história fosse um produto a ser assinado por alguém, não se constituindo em processo humano realizado em relações sociais estabelecidas ao longo do tempo.

O artista recluso em seu ateliê, cujo intuito é produzir obras de arte, imerso na sua solidão, produz o trabalho absolutamente sozinho? Não. Ele viveu experiências que foram lhe agregando coisas, pensamentos, angústias ou satisfações. O trabalho de arte é sempre carregado de experiência e desse modo, de história.

Então, nos parece que devemos partir para a finalização dessa introdução, visando não carregar do aspecto enfadonho, repetitivo que se tende a fazer, voltando-nos às perguntas primeiras que nos inspiraram. Quem produz Patrimônio? Nós! E quando falamos de Nós, lembramos de Alessandro Portelli (1997), que nas discussões sobre memória fala em múltiplas memórias, nos lembrando que a memória individual só existe porquê existe a memória coletiva e vice versa. Desse modo, falamos de Nós! Do Patrimônio como produção humana a ser conhecida, experimentada, lida ou refutada por todos nós. Assim, a quem pertence o Patrimônio? Ora, a Nós! Parece que tudo nos coloca nesse caminho. O que é Patrimônio? Podemos começar dizendo que inclusive nossos corpos são patrimônio. Corpos que circulam e

vivem experiências realizando coisas das mais diversas. Podemos inclusive pensar como nossos corpos, nossa ação humana tem sido representada nos museus, se como produto ou como processo. Na mesma linha, para quê e por que falar de Patrimônio? Falar de Patrimônio como produção humana é fundamental para nos manter vivos e conscientes das nossas experiências na história, como sujeitos sociais produtores de história, sempre em movimento, sempre em relação com o outro, na troca, na controvérsia, na contradição. Por que falar de Patrimônio? Ora, se ele expressa o trabalho humano ao longo de nossas vidas, então também o patrimônio é representação da atividade vital humana: o Trabalho.

E para finalizar. Se o que nos diferencia dos animais é o modo como transformamos a natureza e como nesse processo ela se humaniza, então o que estamos fazendo que ao invés de transformar, destruímos? Fica aqui a última reflexão desse breve texto, pois se nós vivemos a relação homem-natureza, a natureza é patrimônio fundamental para a existência humana e vice versa. O que nos faz esquecer disso tudo é quando o capital se torna mais importante que o que é vivo. Assim, o imediatismo, o efêmero, toma conta de nós e do nosso cotidiano. Mas a história não é feita por coisas, é feita por pessoas, pela vida. A história pode até estudar as Datas cívicas, que é criação humana, mas vem privilegiando heróis. A Data Cívica pode até tratar da História, mas não contempla a dinâmica humana dos diversos grupos da história, reforçando que alguns fazem história e outros não. Data histórica mesmo (por exemplo) é aquela que nos leva para as ruas e nos nossos movimentos intensos, entre gritos de protesto e caminhadas, marca nossas vidas e registra nossa posição nesse Mundo! Afinal, já nos colocou Walter Benjamin (2007), o tempo não é vazio, não é homogêneo, é carregado de agoras!

História e Patrimônio Cultural, então, é um GT com múltiplas possibilidades de debate e visa problematizar as várias abordagens que ainda temos para pensar, sabendo que somos muitos, com múltiplas memórias e experiências ainda a serem debatidas!

Referências Bibliográficas

- ANDERY, Maria Amália P. A. (org). Para Compreender uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte como História da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BENJAMIN, Walter. A Modernidade, In Obras Escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MANACORDA, Mário Alighiero. Marx e a Pedagogia Moderna – O que é trabalho. Campinas: Alínea, 2007.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. Revista Projeto História. São Paulo (15: 13-49), abril,1997.